

O escultor se defronta, no início, com o bloco em bruto, com a matéria nua, que encerra em si toda possibilidade. Responde ao cinzel, que pode destruir e fazer brotar dela a água da vida, a força do espírito. Tudo ainda é impreciso, inclusive para o Mestre. Não depende inteiramente de sua vontade.

O impreciso, o indeterminado não é, tampouco no campo da invenção, o falso. Pode ser inexato, mas não deve ser insincero. Uma afirmação — imprecisa, porém não falsa — pode ser explicada frase por frase, até que se apruma e cai no centro. Mas se uma afirmação começa com uma mentira, é preciso afirmá-la com novas mentiras, até que finalmente todo o edifício desmorona. Daí minha suspeita de que a criação já começou com uma falsificação. Caso se tratasse de um simples erro, ao longo da evolução teria sido possível restaurar o Paraíso. Mas o Velho guardou sob cadeado o segredo da árvore da vida.

Aqui aflora minha dor: imperfeição irreparável, não só da criação, mas também da própria pessoa, que traz de um lado a hostilidade para com os deuses e, do outro, a autocrítica. Talvez eu exagere, mas, em todo caso, ambas as coisas debilitam a ação.

Mas não se alarmem: não pretendo escrever um tratado de teologia moral.

2

Para começar, é preciso esclarecer que me chamo Venator, mas não Manuel, e sim Martín. Este é, como dizem os cristãos, meu nome de batismo. Entre nós, é posto pelo padre, quando ele ergue o recém-nascido, chama-o pelo nome e deixa que choramingue.

12

Mas, enquanto estou de serviço no alcácer, chamam-me Manuel, nome que me foi dado pelo Condor. O Condor é o atual soberano de Eumeswil e o senhor a quem sirvo. Reside há anos no alcácer, na elevada fortaleza que coroa, a cerca de duas milhas de distância da cidade, uma colina descampada, chamada Pagos desde tempos imemoriais.

Esta situação de cidade e fortaleza existe em muitos lugares; é a mais cômoda não só para as tiranias como para qualquer regime personalista.

Os tribunos derrubados pelo Condor, ao contrário, se mantiveram discretamente na cidade e são governados do município. “Onde só existe *um* braço, age-se com maior eficácia através de uma grande alavanca; onde são muitos os que têm algo a dizer, é necessário efervescência; impregnam tudo o que existe como o fermento ao pão.” Assim diz Vigo, meu mestre. Falarei dele mais adiante.

Por que quis o Condor, e por conseguinte ordenou, que eu me chamasse Manuel? Será porque lhe agradava mais o som ibérico ou porque lhe desagradava o Martín? Foi o que a princípio suspeitei; de fato, existe uma repugnância, ou pelo menos certa susceptibilidade, a determinados nomes, à qual não se presta suficiente atenção. Há os que impõem a um menino, por toda a vida, um nome que corresponde a suas ilusões. Surge um anão que se apresenta como César. Outros escolhem o nome do senhor que na época governa o timão; portanto, aqui também existem, entre ricos e pobres, pequenos Condores. Isto também pode ser prejudicial, sobretudo quando a sucessão é incerta.

Também se dá muito pouca atenção — e isto é válido para a maioria — a que o nome combine

13